

SER MULHER E SURDA EM UM CURSO DE NÍVEL SUPERIOR: AUDISMO E GÊNERO EM DEBATE

SER MUJER Y SORDA EN UN CURSO DE NIVEL SUPERIOR: AUDISMO Y GÉNERO EN DEBATE

BEING A WOMAN AND DEAF IN A HIGHER LEVEL COURSE: AUDISM AND GENDER IN DEBATE



Carlos Roberto de O. LIMA¹
e-mail: carlosrobertolima1112@gmail.com

Como referenciar este artigo:

LIMA, C. R. de O. Ser mulher e surda em um curso de nível superior: Audismo e gênero em debate. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 8, n. 00, e023022, 2023. e-ISSN: 2177-5060. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v8i00.18680>



| Submetido em: 23/09/2023
| Revisões requeridas em: 27/10/2023
| Aprovado em: 28/11/2023
| Publicado em: 30/12/2023

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá – MS – Brasil. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/UFMS). Mestre em Educação (2021) pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus do Pantanal (UFMS/CPAN).

RESUMO: As manifestações de violência auditiva e de gênero, que se configuram como formas de opressão contra mulheres surdas, são o foco de análise na presente pesquisa. O estudo investiga o discurso de uma acadêmica surda matriculada em um curso de graduação em uma Universidade Pública Federal, visando coletar, por meio de sua comunicação gestual, as representações dessas violências em sua construção de subjetividade. As análises foram abordadas por intermédio dos pressupostos foucaultianos. Constatou-se que a intersecção entre violências de gênero e audismo são algumas das possibilidades de formação de identidade da acadêmica surda. Sua subjetividade está submersa em ações que colocam a audição como referencial de sucesso, comportamento padrão e desejo de uma sociedade oralizada, entretanto, ao dizer sobre si: “o que eu mais uso é a Libras”, encontramos práticas de resistência surda em meio a este aparato coercitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Gênero. Audismo. Surdez. Educação Superior.

RESUMEN: *Las huellas de la violencia auditista y de género, configurándose como formas de opresión contra las mujeres sordas, constituyen la presente investigación como foco de análisis, centrándose en el discurso de una académica sorda de un curso de pregrado en una Universidad Pública Federal para recoger en su señalización las representaciones de dicha violencia en su formación de subjetividad. Los análisis se abordan a través de supuestos foucaultianos. Se encontró que la intersección entre violencia de género y audismo son algunas de las posibilidades de formación de identidad de académicos sordos. Su subjetividad queda sumergida en acciones que sitúan la audición como referente de éxito, como conducta estándar y deseo de una sociedad oralizada. Sin embargo, al decir de sí mismo: “lo que más uso es Libras”, se encuentran prácticas de resistencia sorda en medio de este aparato coercitivo.*

PALABRAS CLAVE: *Interseccionalidad. Género. Audismo. Sordera. Educación universitaria.*

ABSTRACT: *The marks of audism and gender violence, configuring themselves as forms of oppression against deaf women, are constituted in the present research, as the focus of analysis, leaning over the speech of a deaf academic from an undergraduate course at a Federal Public University to collect in its signage the representations of such violence in its formation of subjectivity. The analyses are approached through Foucauldian assumptions. It was found that the intersection between gender violence and audism is one of the possibilities for identity formation of the deaf academic. Her subjectivity is submerged in actions that place hearing as a reference for success, as a standard behavior and desire of an organized society; however, when saying about himself: “what I use most is Libras,” there are practices of deaf resistance in the midst of all these coercive apparatus.*

KEYWORDS: *Intersectionality. Gender. Audism. Deafness. College education.*

Introdução

*Eu sou dois seres.
O primeiro é fruto do amor de João e Alice.
O segundo é lettral [...].
O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidades
O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades frases.*

Manoel de Barros

Manoel de Barros possui um delírio em sua escrita ao lidar com as pequenezas da vida e com a habilidade de dar significados sublimes para seres reais e imaginários que, em hipótese alguma, nossa mente poderia alcançar. Manoel ficciona a realidade e constrói sujeitos. Manoel é dois seres. São tantos e vários outros. Seus delírios são suporte para pensar a construção das identidades dos sujeitos sociais de nossa época. Por isso, por tresvariar, elegi Manoel para me acompanhar nas possibilidades de escrita que se seguem, como um intercessor literário.

Desta forma, podemos pensar que a construção das identidades se dá em relação. O sujeito se constrói a partir de suas relações sociais e suas possibilidades de identificação estão sempre multifacetadas. Nestes fragmentos de nosso tempo, as múltiplas identidades estão/são imbricadas e produzidas pelas relações de saber-poder, portanto, conhecer o sujeito requer entender que ele não existe enquanto forma acabada.

Guacira Lopes Louro (2019, p. 13) pontua que: “[...] somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes”. Isso requer pensar que todas as identidades sociais possuem um “[...] caráter fragmentado, instável, histórico e plural” onde, por vezes, o sujeito se constitui, sendo continuamente alterado pela cultura do local em que habita e também interferindo em quem está à sua volta.

Partindo deste princípio, da multifacetação que nos constrói, a presente escrita objetiva analisar no discurso de uma acadêmica surda de um curso de graduação em uma Universidade Pública Federal, marcas de violência audista e de gênero no decorrer de sua vida e formação acadêmica. Desta forma, no tópico seguinte, *Delimitações da pesquisa: contornos de lata*, apresento as escolhas e justificativas metodológicas para a realização da análise e a condução estabelecida para a composição do material coletado durante a entrevista.

Em seguida, no tópico *Marcas da opressão: as práticas de audismo como violência contra sujeitos surdos*, elaboro uma abordagem acerca do termo invenção, compreendendo-o

como fruto da necessidade humana de comunicar-se e uma análise sintática da noção e emergência do conceito audismo.

No tópico *Clarice: caracterização e contextualização*, apresento a acadêmica colaboradora com a pesquisa, seu percurso de vida, processos acadêmicos, sua relação com a Língua Brasileira de Sinais e seus familiares. Clarice é um nome fictício para preservação da identidade da acadêmica. Posteriormente, no tópico *Problematizações possíveis acerca da violência audista e de gênero*, apresento os recortes eleitos no discurso da universitária para trabalhar com a intersecção audismo e gênero, entendendo-as como duas formas de subordinação, dominação e marginalização de determinadas identidades.

E, por fim, nas considerações finais, entendendo que estou lidando com as experiências e subjetividades de uma acadêmica surda, portanto, experiência singular e “[...] subjetividades [que] são construídas a partir de uma dada surdez, em uma dada pessoa, com específicas condições de possibilidades que a situam e a definem como corpo, família, indivíduo e território” (Vieira-Machado; Mattos, 2019, p. 30), evidencio como estas intersecções diárias entre práticas de violência de audismo e de gênero se concatenam para eleger como modelo de sucesso o padrão ouvinte de experiência, fazendo com que resistir seja uma forma de manifestar-se em meio a estes aparatos coercitivos de representatividades.

Delimitações da Pesquisa: contornos de lata

*Se você jogar na terra uma lata por motivo de traste:
Mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar.
Por isso eu acho as latas mais suficientes,
Por exemplo, do que as ideias.*

Manoel de Barros

Os delírios de Manoel aduzem ser mais produtivo o uso de uma lata, do que as ideias. Suas justificativas e desarrumações linguísticas compõem um arsenal de explicações: as latas são objetos concretos, portanto, ao enchê-las de areia e sair puxando pelas ruas, por exemplo, você possui um caminhão; já com as ideias, por ser fruto de um espírito e abstrata, não dá pra encher de areia, desta forma, em Manoel, a lata é mais suficiente: as ideias criaram bombas atômicas e não caminhões de areia (Barros, 2006).

A lata de Manoel, a materialidade e a utilidade dada em sua escrita, torna possível dimensionar alguns apontamentos para nossa discussão: o que é material? Qual a lata de nossa pesquisa? Qual a ideia que não comporta areia? Que sujeito esperamos encher, ou que esperamos estar cheios, para sair às ruas performando determinadas condições de existência?

Diante de tais possibilidades e de pequenas questões tão complexas implantadas por Manoel, neste tópico, me proponho a dimensionar as escolhas da investigação. A lata da pesquisa que acredito ser possível preencher de areia (leia-se objetivo) é analisar no discurso de uma acadêmica surda de um curso de graduação em uma Universidade Pública Federal marcas de violência audista e de gênero no decorrer de sua vida e formação acadêmica.

O recorte apresentado faz parte de uma pesquisa maior aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em nível de mestrado. Após aprovação, entrei em contato com a instituição solicitando informações acerca dos acadêmicos surdos registrados no referido campus. Em retorno, recebi uma Tabela em Excel contendo os dados e as informações necessárias para uma primeira aproximação.

Com o contato de e-mail disponibilizado pela instituição, convidei a acadêmica para colaborar com a pesquisa. A partir do aceite por parte da universitária, foram realizadas entrevistas semiestruturadas divididas em um roteiro com dois blocos temáticos. O roteiro foi composto por perguntas abertas, pois, como observou Manzini (2012), tal abordagem assegura maior abertura para uma possível reconfiguração e/ou adequação das questões para o nível de linguagem dos participantes.

Os levantamentos de dados supramencionados ocorreram entre os anos de 2020 e 2021, momento pandêmico e de isolamento social, onde a acadêmica estava recebendo atendimento por parte de intérpretes de Libras da instituição de forma remota, portanto, as entrevistas seguiram os mesmos processos, ocorrendo por intermédio do aplicativo *Google Meet*. Antes da aplicação das entrevistas, a discente preencheu o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e, em seguida, concedeu suas narrativas.

O material fora analisado por intermédio dos pressupostos das obras foucaultianas. A escolha por Michel Foucault como referencial teórico da pesquisa se justifica pela possibilidade de explorar as relações de micropoder presentes nas interações entre surdos e ouvintes no ambiente de Ensino Superior. A perspectiva foucaultiana também interessa, na medida em que a acadêmica entrevistada produz subjetividades em um contexto de diversidade linguística e supera diferentes tipos de adversidades no decorrer da sua formação.

Desta forma, a partir das edificações de lata propostas por Manoel, no tópico seguinte abordamos a dimensão das práticas audistas e a importância de reconhecer suas formas de violência.

Marcas de opressão: as práticas de audismo como violência contra sujeitos surdos

*Um homem estava anoitecido.
Se sentia por dentro um trapo social.
Igual se, por fora, usasse um casaco rasgado e sujo.
Tentou sair da angústia. Isto ser:
Ele queria jogar o casaco rasgado e sujo no lixo.
Ele queria amanhecer.*

Manoel de Barros

O homem fragmentado de Guacira Lopes Louro que passa a desejar amanhecer, como aquele de Manoel de Barros. As marcas e desejos que os formam dizem respeito a estruturas observáveis de nossa sociedade, diz respeito àquelas ideias de Manoel sobre onde se coloca areia do lado de dentro. É, destarte, sobre estas tentativas de condução de si e do outro, de governar suas escolhas (que não são apenas suas), que estão imbricadas em um emaranhado de construções sociais que, neste momento, desejo alocar e demarcar algumas invenções.

O termo invenção adotado nesta pesquisa refere-se ao sentido que lhe foi conferido por Ludwig Wittgenstein (1979) onde as coisas são todas inventadas a partir do momento que, por intermédio da linguagem, lhes damos materialidade. Wittgenstein considera que “[...] denominar algo é semelhante a colocar uma etiqueta numa coisa” (Wittgenstein, 1979, p. 14), portanto, a necessidade de comunicar algo ainda “indizível” é produto de uma necessidade comunicacional.

Desta forma, inventamos diversos saberes sobre aqueles considerados os “outros”. Os conhecimentos gerados nestes campos de saber, produzem possibilidades de exercer o poder, de conduzir os sujeitos, de direcionar suas ações e escolhas. O saber e o poder são indissociáveis nessa relação social, por isso, “[...] produz[em] realidade; produz[em] campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (Foucault, 2014, p. 189).

É dentro deste campo produtivo e inventivo que surge o termo audismo que, segundo Humphries (1977), é “[...] a noção de que alguém é superior com base na capacidade de ouvir ou de comportar-se como quem ouve” (p. 12, tradução minha). A palavra fora inventada por Tom L. Humphries, um sujeito que cresceu na zona rural da Carolina do Sul, EUA, e que ficou surdo aos seis anos de idade. Mesmo passando a não ouvir, Humphries cresceu em um ambiente completamente ouvinte, sem contato com outros pares surdos, ou seja, sua cultura, valores e comportamentos continuaram a ser de uma pessoa que ouvia, porém, que fisicamente passou a ser surdo.

Humphries (1977) se comunicava de forma oral, sem intervenção da língua de sinais americana e se sentia orgulhoso toda vez que se passava por ouvinte nas situações do dia-a-dia, toda vez que seu inglês e suas capacidades discursivas eram bem sucedidas, considerando-se como um surdo-ouvinte e, até mesmo, o único de sua espécie, taxando-se de “excepcional” e de um “sucesso”. Para além de tal orgulho, Humphries fora ativo em desdenhar daqueles que utilizavam a língua de sinais e não conseguiam alcançar o lugar de prestígio que ele transitava.

A produção de tal comportamento pode ser entendida pelo viés da diferença quando Humphries aponta em sua tese os motivos que o levaram a exercer esse posicionamento e performar um orgulho ouvinte que não lhe pertencia. Segundo seus apontamentos:

A maior parte da minha vida, passei andando em lugares públicos fingindo estar ouvindo, tentando esconder minha diferença. É uma solitária existência porque você não pode falar com ninguém para que sua diferença não seja exposta. [...] Eu achava que isso era o que é chamado de "superar sua deficiência". Porque eu pensei que escondê-la era "superá-la", [...] este parecia ser o pensamento de nossa sociedade. E a sociedade reforçou todas essas minhas ideias e atitudes. A sociedade exigia que eu fosse aprovado ou seria isolado completamente. A sociedade exigia que eu me conformasse e me envergonharia se não o fizesse. [...] A sociedade estava perfeitamente disposta a me banir para aquela zona crepuscular de invisibilidade para os seus membros secundários, como os negros, mulheres, índios americanos e cegos. A sociedade estava disposta a me ajudar a esconder minha diferença se eu quisesse seguir esse caminho, ensinando-me a ignorar e suprimir minha diferença em vez de reconhecê-la e aceitá-la (Humphries, 1977, p. 8, tradução minha).

Humphries (1977) estava anoitecido. Se sentia por dentro um “trapo social”. Estava usando um casaco sujo e rasgado da marca hegemônica da audição. Humphries tentou jogar fora tal casaco para conseguir amanhecer. Para tanto, se aproximou de dois movimentos sociais: de mulheres e de pretos americanos. Logo percebeu identificações nas lutas de tais grupos, despertando a necessidade de compreender que força era essa que o oprimia e que ainda não possuía materialidade.

Humphries (1977) conseguiu jogar fora o casaco sujo e rasgado e desistiu de correr atrás da promessa da sociedade de seu tempo que afirmava que, se ele se esforçasse, conseguiria “vencer” a surdez. Neste contexto, surge o termo audismo. Segundo o autor, o peso de tal palavra precisava ser para os surdos o mesmo que o racismo significa para os povos pretos. O vocábulo audismo vem do latim *audire* e significa ouvir. A partir da criação da expressão, Humphries derivou a palavra audista, para caracterizar aquele que pratica o audismo. Assim, mensura-se e nomeia-se o fenômeno social contra o qual Humphries pretendia lutar.

É importante deixar registrado que as marcas do audismo se configuram em uma prática social, portanto, não é uma ação inerente de ouvintes. O próprio Humphries reconhece-se como um sujeito que luta contra suas ações audistas: “Eu participei ativamente em rebaixar aquelas pessoas que sinalizavam, que não falavam inglês fluentemente, que não falavam e não podiam passar por um ouvinte” (Humphries, 1977, p. 7, tradução minha).

Agora que o conceito analítico do termo fora apresentado e que sabemos que sua invenção materializa uma forma de pensar as relações de saber e poder imbricadas entre surdos e ouvintes e, até mesmo, entre os próprios sujeitos surdos, no tópico seguinte, apresento a acadêmica surda e os seus caminhos educacionais.

Clarice: caracterização e contextualização

Se a gente jogar uma pedra no vento

Ele nem olha para trás. [...]

Ele não dói nada. [...]

Depois me ensinaram que vento não tem organismo.

Fiquei estudado.

Manoel de Barros

Manoel e Clarice (nome fictício dado à acadêmica surda para a proteção de sua identidade) possuem semelhanças. Manoel inverte a lógica das palavras e reorganiza as significações das frases. Clarice segue a mesma esteira de pensamento, porém, delira a palavra-sinal. Faz das movimentações manuais dicionário visual para os habilitados de poesia. A palavra escrita por Manoel e a sinalizada por Clarice são latas para se colocar areias e pedras para se tacar ao vento. Me senti estudado também.

A entrevista com a acadêmica compreendeu sua apresentação inicial, questões voltadas ao seu processo de aquisição linguística (sinalizada), seu histórico escolar, ingresso na Instituição de Ensino Superior (IES) e permanência durante o período pandêmico. Clarice ingressou na instituição no ano de 2018, à época com 22 anos de idade. Sua surdez foi descoberta ainda bebê, tendo sua aquisição linguística iniciada na primeira infância. Frequentou o antigo Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação (CEADA)², onde estudou até o período de ingressar na Rede Municipal de Educação (REME).

Em seu trajeto de vida, Clarice fora submetida a tratamentos fonoaudiológicos, como expressa: *“Fiz o tratamento para aprender a falar, com fones de ouvido, testes de percepção de som e já utilizei aparelhos auditivos”*, porém, *“o que eu mais uso é a Libras, a língua portuguesa eu uso bem menos”*. As táticas de normalização comunicacional podem ser entendidas ao dimensionar seu âmbito familiar, pois Clarice é a única surda dentro de uma família ouvinte que não aprendeu a língua sinalizada. De acordo com seu relato, para se comunicar com sua família existem táticas diferentes: sua mãe domina alguns sinais; com seu pai, o recurso utilizado é leitura labial e, com seu irmão que aprende os sinais, mas, esquece, uma mistura das duas formas de comunicação intercaladas ou misturadas.

Durante seu percurso educacional, Clarice sempre contou com intérpretes de Libras. Sua mãe cobrava pelo direito de acesso linguístico e pela presença deste profissional em sala de aula. Com estas formas de condução, Clarice chegou ao curso de nível superior. Ingressou na IES por intermédio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Seu discurso materializa essa alegria: *“Sempre foi meu sonho. [...] Por ser meu sonho, meu dom, eu fui e passei. Fiquei muito feliz! Não consigo te explicar a minha emoção”*.

O impacto da presença de uma acadêmica surda gerou receios no curso em questão e tal marca apareceu no discurso sinalizado de Clarice: *“[...] a turma [...] levou um susto quando descobriram que iria entrar a primeira surda do curso. Todos se desesperaram muito (imitando o desespero) “Meu Deus! Meu Deus”*.

Durante o período pandêmico as atividades educacionais foram administradas de forma remota, inclusive os atendimentos realizados pelos intérpretes de língua brasileira de sinais. Para Clarice, suas dificuldades foram acentuadas: *“Agora com a COVID-19 eu sinto que vou*

² De acordo com Albres (2005, p. 5) o CEADA foi “criado pelo Decreto no 3546, de 17 de abril de 1986”. As atividades de 1º a 5º ano desenvolvidas neste local, como o ensino de português e matemática eram realizadas em Libras, proporcionando um ambiente educacional favorável à aquisição linguística de crianças surdas com seus pares. Tais atendimentos deixaram de ocorrer desde dezembro de 2016 e os alunos passaram a ser matriculados diretamente no Sistema Regular de Ensino em atenção à Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

morrer. É uma quantidade muito grande de texto e eu acabo não entendendo nada. Por exemplo, em sala, com a explicação, eu consigo entender e escrever, pela internet eu tenho a sensação que a aula se torna um resumo, é bem confuso”.

Além destes problemas, outros foram narrados em sua sinalização: “Passei muita raiva, muito ódio com a internet. Tive problemas no meu computador, problemas no meu celular. Tudo me atrapalhava e não conseguia abrir, sequer, meu g-mail. Foi muito estressante. Tive até um começo de depressão”.

A questão tecnológica também se apresenta como um fator determinante para a permanência da universitária durante esse período. O acesso a materiais de qualidade se configura em um dos atravessamentos encarados por Clarice, funcionando como um fator de exclusão em relação a sua permanência no curso neste momento onde a tecnologia se torna vital no processo educacional.

No tópico seguinte, trago as problematizações possíveis que dimensionam as práticas audistas e as interlocuções com a questão de gênero que interpelam Clarice nas esferas que mais participa: educacional e familiar.

Problematizações possíveis acerca da violência audista e de gênero

*Ninguém de nós, na verdade, tinha força de fonte.
Ninguém era início de nada.
A gente pintava nas pedras a voz.
E o que dava santidade às nossas palavras era a canção de ver!*

Manoel de Barros

Concordo com as palavras de Manoel ao aduzir que “ninguém era o início de nada”. Antes de nosso nascimento, as materialidades e possibilidades de nossa existência já estavam determinadas: nossa classe social, cultura, língua, doutrina, etc. Nesse sentido, pintar voz em pedras (leia-se contraconduzir-se) é um ato de resistência. Clarice resiste em um misto de violências diárias que a interpela de diversas formas.

O primeiro reconhecimento de tais práticas aparece em seu discurso ao relatar sua relação com os profissionais de tradução e interpretação da IES: “[...] *minhas maiores dificuldades foram com intérpretes [...]. Alguns dos intérpretes também dizem as suas opiniões em relação a mim: “É melhor você ir para outro curso!”.* ((pausa)) *Eu fico sem reação. Como assim? [...] “Porque seu curso é muito difícil, não é algo fácil”.*

A materialidade de tal discurso carrega uma marca audista. Considerar que Clarice não possui condições de formar-se em seu curso, conduz a pensar o audismo como uma ação “[...] na forma de pessoas que continuamente julgam a inteligência dos surdos e seu sucesso com base em sua habilidade da língua e da cultura ouvinte” (Humphries, 1997, p. 13, tradução minha), portanto, neste pensamento, sem a dimensão do uso da língua portuguesa, o sujeito surdo estaria fadado a um lugar secundário.

Clarice continua seu discurso acerca destes profissionais: “*Teve intérprete que me disse: ‘Seria incrível, sensacional, você ir para o curso de Letras-Libras’ ((pausa)). Eu não tenho o dom. Já tem um ano que eu me sinto magoada com esse tipo de comentários que os intérpretes fazem pra mim*”.

A expectativa de que surdos, unicamente, devem se formar em Letras-Libras por se tratar de uma área que usa a língua sinalizada como campo de saber, corresponde a uma segunda prática audista. Considerar o curso de Letras-Libras mais “fácil” encontra resquícios de condução de corpos surdos, dando a entender que todo surdo, por ser surdo, estaria fadado ao curso de Letras-Libras.

É importante, neste momento, registrar que, segundo o Código de Conduta Ética e Profissional apresentado pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils) é vedado ao TILS: “dar conselhos ou opiniões pessoais, exceto quando requerido e com anuência do Solicitante ou Beneficiário” (Febrapils, 2014, p. 5).

Outra prática de violência registrada em sua fala aparece em relação a sua família:

E, também, agora, no mês passado, eu pedi ao meu pai para ele parar de fazer algo que estava me atrapalhando, e ele me perguntou “por quê?”, eu disse que iria estudar alguns conceitos para prestar um determinado concurso. E ele me respondeu “Ué, mas você é surda, não tem capacidade para isso. Seria bem melhor se você colocasse um Implante Coclear para começar a ouvir. Seria bem melhor e se tornaria bem mais fácil se você ouvisse”. Eu fiquei chocada. Isso quadruplicou meu desgaste. Quase chorei, quase desisti do curso. Não queria mais ir trabalhar, nem queria viver.

Neste recorte familiar, a prática audista aparece como “[...] uma falta de conhecimento sobre o estado de bem-estar das pessoas surdas que levam as pessoas a acreditar que a felicidade não é possível, exceto nas modalidades auditivas” (Humphries, 1977, p. 16, tradução minha). As palavras de seu pai, que também apresenta uma tática de condução para alocar Clarice na norma da audição, *seria bem melhor se você colocasse um Implante Coclear para começar a*

ouvir, revela como sua subjetividade vem sendo moldada, o que gera suas vontades de desistir do curso, trabalho e da própria vida.

A forma como Clarice lida com tais discursos a coloca em constante conflito. Suas respostas às questões sempre demarcam este problema relacional, ora com intérpretes, ora com familiares e, apesar de todos os desejos que lhe passam pela mente, a acadêmica resiste e permanece seguindo seu sonho: formar-se em seu curso.

Uma nova prática de opressão apareceu no discurso sinalizado de Clarice:

Também aconteceu isso em relação ao meu irmão. [...] Antes do fim do ano passado, quando eu passei no vestibular e estava toda feliz, meu irmão falou assim: “Nossa, você vai fazer esse curso? Impossível, você é surda!”. Eu fiquei muito surpresa. “Você não está feliz?”, perguntei. “Sim, estou feliz, mas esse curso é muito difícil para você. Você combina com o curso de Estética” [...].

Considerar que Clarice deveria vincular-se ao curso de Estética, é uma forma de associação com temáticas construídas historicamente, destinando às mulheres profissões definidas e estanques. Estamos, então, diante de uma dupla forma de opressão: de gênero, por ser Clarice uma mulher e, audista, por ser, também, surda.

Destarte, a intersecção entre tais violências aloca Clarice em um subconjunto, “mulher surda”, que enfrenta um problema específico que não atinge àquelas mulheres alocadas na norma da audição. O problema não é do gênero, mas, sim, da forma como a surdez é compreendida socialmente dentro dos espaços em que a acadêmica transita.

A interseccionalidade³, ferramenta que analisa mais de uma forma de opressão simultânea, abraça uma complexidade de ações discriminatórias e de condições específicas de um grupo de pessoas. Essa perspectiva é respaldada por Kurashige (2014), que destaca que as estruturas de classe, gênero, sexualidade, entre outras, não podem ser consideradas de forma isolada, uma vez que as formas de opressão de uma estão intrinsecamente relacionadas às outras. Nesse caso específico, a análise engloba as questões de gênero e de audição, que, ao se intersectarem, operam como sistemas de dominação e opressão, relegando suas identidades a um *status* marginalizado e subordinando-as a outras consideradas completas.

Tais conduções de corpos acabam “[...] exigindo deles o mesmo conjunto de padrões, comportamentos e valores que eles demandam de ouvintes” (Humphries, 1977, p. 13, tradução minha), ou seja, ao instaurar-se a norma da audição como padrão, desejável e bonito, corpos

³ Segundo Piscitelli (2008, p. 267), as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: **sexismo, racismo, patriarcalismo**.

que estão fora da possibilidade passam a ocupar um lugar secundário no imaginário social e suas subjetivações podem vir-a-ser formadas de forma mofina e autodepreciativas.

Segundo Neiva Furlin (2013), as questões que envolvem a formação de subjetividade em Foucault, podem ser entendidas como equivalentes ao termo agenciamento para Butler, onde as particularidades do sujeito “[...] é constituída por meio dos atos de resistência aos códigos de conduta” (Furlin, 2013, p. 397).

Pensando neste viés, Clarice, desde criança, fora submetida a formas de fazê-la entrar no código de conduta da norma da audição: submetida as práticas de reabilitação da fala, treinamento e percepção de som e táticas de oralidade, além do uso de aparelhos auditivos. Tais processos ecoam em suas narrativas, portanto, ao sinalizar tais opressões, existe uma tentativa de contra conduzir-se.

Desta forma, suas idiossincrasias, marcadas por ações audistas institucionais e familiares, ao serem interseccionadas com as marcas de violência de gênero, podem representar um (re)encontro com seu passado, suas relações culturais e sociais. As possibilidades de formação de identidade de Clarice perpassam tais intersecções cotidianas de subordinação e dominação.

Assim, no tópico seguinte, tento esboçar um fechamento para uma questão que precisa receber muitas análises e esquadrinhamentos para dimensionar os perigos que tais práticas audistas e de gênero podem causar na formação de subjetividades de mulheres surdas.

Considerações finais

Todo discurso, segundo as análises foucaultianas, é produto de relações de poder. Estas relações determinam as formas como os sujeitos se narram, julgam e conduzem-se mediante as formas de opressão que seus corpos recebem. As práticas audistas e as violências de gênero detectadas durante a pesquisa apontam as materialidades vividas por uma mulher surda que cresceu sendo submetida às táticas de restauração da audição.

Mesmo tendo se submetido aos processos de sua história, afirma: “*o que eu mais uso é a Libras*”. Clarice não esconde o quanto está submersa em ações que colocam a audição como referencial de sucesso, comportamento padrão e desejo de uma sociedade oralizada, entretanto, ao dizer sobre si, relata: “*o que eu mais uso é a Libras*”.

Além do audismo, que representa apenas uma das formas de opressão enfrentadas pela acadêmica, a permanência de sujeitos surdos na instituição requer apoio em outras áreas. Isso

inclui, por exemplo, a necessidade de acolhimento em relação às particularidades da identidade surda, que vão além da questão da audição e abrangem aspectos como gênero, deficiência e até mesmo padrões estéticos e tecnológicos.

Compreendo que a experiência apresentada pela acadêmica não pode ser considerada uma regra padrão para todas as outras experiências. Estou lidando com uma forma de olhar para o fenômeno interseccional de audismo e gênero, práticas que formam subjetividades surdas. As tensões apresentadas são passíveis de desvelar as ações institucionais e familiares que reproduzem comportamentos que elegem o padrão ouvinte como referencial, fabricando identificações nos sujeitos surdos e/ou formas e alternativas de encaixarem/resistirem nesse relacional de in(ex)clusão, buscando alterar a realidade em que se encontram.

Admitir que usa mais a Libras do que a língua portuguesa como forma comunicacional é um brado de resistência às práticas de normalização sofridas ao longo de sua vida. Aceitar a identificação linguística sinalizada e afirmá-la é mensurar que o desejo de seu pai, seu irmão e intérpretes de libras institucionais, não poderá fazer com que abandone seus sonhos. Clarice é apenas uma, entre tantas outras Clarices espalhadas em instituições educacionais dentro e fora do contexto brasileiro, que insistem em mudar os homens usando borboletas.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS. **Revista Arara Azul**, Petrópolis, p. 1-11, 2005. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.

BARROS, Manoel de. **Poemas Rupestres**. 2 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

FEBRAPILS. **Código de conduta e ética**. Primeira alteração aprovada em assembleia geral ordinária no dia 13 de abril de 2014. Disponível em: <https://febrapils.org.br/publicacoes/manuais/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395-403, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v16i2.32198>. Acesso em: 03 jun. 2023.

HUMPHRIES, Tom. **Communicating across cultures (deaf-hearing) and language learning**. 1977, 108 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Union Graduate School, The Union Institute e Universidades, Ohio, ProQuest Dissertations and Theses. 1977. [Tese não publicada].

KURASHIGE, Keith Diego. **Marcas do desejo**: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6768>. Acesso em: 08 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 7-42.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49548>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade E Cultura**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>. Acesso em: 07 jun. 2023.

VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa. MATTOS, Leila Couto. **Na presença da outra, o encontro comigo**: da história da educação de surdos à história de nossas vidas. Campo dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O recorte de dados coletados durante o mestrado e apresentado neste texto foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o CAAE: 30714120.7.0000.0021.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Autoria única.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

